

# A Produção do Conhecimento Geográfico

Ingrid Aparecida Gomes  
(Organizadora)



 **Atena**  
Editora

Ano 2018

Ingrid Aparecida Gomes  
(Organizadora)

# A Produção do Conhecimento Geográfico

Atena Editora  
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

### Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 A produção do conhecimento geográfico [recurso eletrônico] /  
Organizadora Ingrid Aparecida Gomes. – Ponta Grossa (PR):  
Atena Editora, 2018. – (A Produção do Conhecimento  
Geográfico; v. 1)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-85107-78-9

DOI 10.22533/at.ed.789181211

1. Ciências agrárias. 2. Percepção espacial. 3. Pesquisa agrária  
– Brasil. I. Gomes, Ingrid Aparecida. II. Série.

CDD 630

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de  
responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos  
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

A obra *“Abordagens teórico-metodológicas no âmbito da Ciência Geográfica Agrária”* aborda uma série de livros de publicação da Atena Editora, em seu I volume, apresenta, em seus 15 capítulos, são discutidas diferentes vertentes das Ciências Agrárias, com ênfase na Geografia Agrária.

A Geografia Agrária engloba, atualmente, alguns dos campos mais promissores em termos de pesquisas atuais. Esta ciência geográfica estuda as diversas relações existentes (sociais, gênero, econômicas e ambientais), no desenvolvimento da agricultura, bem como o aumento produtivo e melhorias no manejo e preservação dos recursos naturais.

A percepção espacial possibilita a aquisição de conhecimentos e habilidades capazes de induzir mudanças de atitudes, resultando na construção de uma nova visão das relações do ser humano com o seu meio, e, portanto, gerando uma crescente demanda por profissionais atuantes nessas áreas.

A ideia moderna da Geografia Agrária, refere-se a um a um processo de mudança social geral, formulada no sentido positivo e natural, temporalmente progressivo e acumulativo, segue certas regras e etapas específicas e contínuas, de suposto caráter universal. Como se tem visto, a ideia não é só o termo descritivo de um processo, e sim um artefato mensurador e normalizador das sociedades, tais discussões não apenas mais fundadas em critérios de relação de trabalho, mas também são incluídos fatores econômicos, naturais, tecnológicos e gênero.

Neste sentido, este volume dedicado a Geografia Agrária, apresenta artigos alinhados com a produção agrícola, conservacionismo, tecnologia, turismo rural, cultura e relações de gênero no campo. A importância dos estudos agrários é notada no cerne da ciência geográfica, tendo em vista o volume de artigos publicados. Nota-se também uma preocupação dos geógrafos em desvendar a realidade dos espaços rurais, bem como entender as distintas relações do campo com o capital.

Os organizadores da Atena Editora, agradecem especialmente os autores dos diversos capítulos apresentados, parabenizam a dedicação e esforço de cada um, os quais viabilizaram a construção dessa obra no viés da temática apresentada.

Por fim, desejamos que esta obra, fruto do esforço de muitos, seja seminal para todos que vierem a utilizá-la.

Ingrid Aparecida Gomes

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
NOVAS TERRITORIALIDADES NA FRONTEIRA PANDINA BOLIVIANA: A PAN – AMAZÔNIA EM CONFLITO	
<i>Francisco Marquelino Santana</i> <i>Josué da Costa Silva</i>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>16</b>
REFORMA AGRÁRIA, ASSENTAMENTOS RURAIS E PROCESSOS DE TERRITORIALIZAÇÃO NO LITORAL SUL DA BAHIA	
<i>Hingryd Inácio de Freitas</i> <i>José Levi Furtado Sampaio</i> <i>Guiomar Inez Germani</i>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>26</b>
AGRICULTURA E ECONOMIA ESPACIAL EM MOSSORÓ/RN: DINÂMICAS E ESPECIFICIDADE REGIONAL.	
<i>Alexandre Alves de Andrade</i>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>36</b>
CENTRO E CENTRALIDADE URBANA EM VÁRZEA GRANDE/MT NO PROCESSO DE REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA DA AGROPECUÁRIA DE MATO GROSSO	
<i>Rosinaldo Barbosa da Silva</i> <i>Nelba Azevedo Penna</i>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>46</b>
GEOGRAFIA DA AGROINDÚSTRIA DE SOJA ARGENTINA E OS IMPOSTOS ÀS SUAS EXPORTAÇÕES.	
<i>Pablo Martin Bender.</i>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>58</b>
O SISTEMA DE INDICADORES DE POTENCIALIDADE COMO MODELO DE ANÁLISE DAS (RE) CONFIGURAÇÕES TERRITORIAIS DA PRODUÇÃO ORGÂNICA NO AGRESTE CENTRAL DE SERGIPE	
<i>Clêane Oliveira dos Santos</i> <i>Rosemeri Melo e Souza</i>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>72</b>
AS PAISAGENS VITÍCOLAS NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, BRASIL: O CASO DO VALE DOS VINHEDOS E DA CAMPANHA GAÚCHA	
<i>Vinício Luís Pierozan</i> <i>Vanessa Manfio</i>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>84</b>
OS TERRITÓRIOS DO VINHO DA CAMPANHA GAÚCHA E DO VALE DOS VINHEDOS, BRASIL: ENTRE O TRADICIONAL E OS MODERNOS VINHEDOS	
<i>Vinício Luís Pierozan</i> <i>Vanessa Manfio</i>	

<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>98</b>
SABOR ARTESANAL: O TURISMO CERVEJEIRO COMO FENÔMENO ESPACIAL EM RIBEIRÃO PRETO - SP	
<i>Alex Rodrigues De Oliveira</i>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>107</b>
CONSIDERAÇÕES SOBRE A TECNOLOGIA DAS EMBALAGENS CARTONADAS NA CADEIA PRODUTIVA DE LEITE NO BRASIL: DO LOCAL AO GLOBAL	
<i>Bruno M. C. de Albuquerque</i> <i>Jacob Binsztock</i>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>123</b>
O SETOR DE SEMENTES NO BRASIL E SUA CONTRIBUIÇÃO NA MODERNIZAÇÃO DOS TERRITÓRIOS RURAIS NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX	
<i>João Luciano Bandeira</i>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>133</b>
DESAFIOS PARA A CONSERVAÇÃO DAS SEMENTES CRIOULAS	
<i>Maria Angela Comegna</i>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>143</b>
CAFEICULTURA EM RONDÔNIA: MODERNIZAÇÃO E SUBORDINAÇÃO AO MERCADO	
<i>Tiago Roberto Silva Santos</i> <i>Ricardo Gilson Da Costa Silva</i>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>153</b>
A AGRICULTURA DE PRECISÃO E AS RELAÇÕES DE GÊNERO	
<i>Tainara Bruna Montagna</i> <i>Roseli Alves dos Santos</i>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>162</b>
AS MULHERES E A AGRICULTURA FAMILIAR: O CASO DA LOCALIDADE DE PICADA FELIZ, NO MUNICÍPIO DE SÃO LOURENÇO DO SUL – RS	
<i>Caroline Tapia Bueno</i>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>172</b>

## AS MULHERES E A AGRICULTURA FAMILIAR: O CASO DA LOCALIDADE DE PICADA FELIZ, NO MUNICÍPIO DE SÃO LOURENÇO DO SUL – RS

**Caroline Tapia Bueno**

Mestranda em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande

Rio Grande – Rio Grande do Sul

**RESUMO:** O presente trabalho pretendeu a identificação do papel das mulheres envolvidas em atividades na agricultura familiar, investigando as relações do processo de divisão do trabalho por sexo. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com doze agricultoras familiares na localidade de Picada Feliz pertencente ao município de São Lourenço do Sul/RS acerca de suas vidas, trabalhos e projeções de futuro. O estudo aponta a desvalorização do trabalho que as agricultoras familiares enfrentam juntamente das inúmeras desigualdades de gênero existentes neste meio.

**PALAVRAS-CHAVE:** Agricultoras; Agricultura Familiar; Trabalho Feminino.

**ABSTRACT:** The present work intends to identify the role of woman involved in family farming activities, investigating the process of labor division by sex. Semi-structured interviews were realized with twelve family farmers in the locality of Picada Feliz belonging to the municipality of São Lourenço do Sul/RS about their lives, works, and future projections. The

study points to the work devaluation that family farmers face alongside the numerous sexual differences existing in this environment.

**KEYWORDS:** Farmers, Family Farming, Female Work.

### 1 | INTRODUÇÃO

A pesquisa pretendeu contribuir para o desvendamento da realidade das condições de vida das agricultoras familiares. Sua ênfase recai sobre a análise de aspectos como a organização social e a divisão das tarefas no interior das famílias. O recorte espacial do estudo foi a localidade de Picada Feliz, no Município de São Lourenço do Sul/RS.

No Brasil os estudos com abordagem de gênero na Geografia começam, timidamente, a partir da década de 1980. Atualmente, a ênfase nas questões feministas destes estudos, ainda que não seja hegemônica neste campo disciplinar, se ampliou. Passados quase trinta anos, as pesquisas de gênero abrangem diferentes áreas da Geografia, como estudos rurais, urbanos entre outros e, se difundem nas universidades de todas as regiões do País (VELEDA DA SILVA, 2016).

Durante este período, se intensifica a relação entre os movimentos feministas e a

academia. De acordo com Veleda da Silva “os movimentos de mulheres mostram a participação das mulheres em vários setores da vida pública, lutando pelos seus direitos e necessidades através de manifestações, denunciando às desigualdades sociais imputadas as relações de gênero” (VELEDA DA SILVA, 2000, p. 6). Desigualdades que se evidenciam em todas as esferas econômicas, na cidade e no campo.

O conceito de gênero de acordo com Saffioti (2004) refere-se à construção social do feminino e do masculino. No entanto, este conceito não explicita as desigualdades e hierarquias entre homens e mulheres. Quanto à escala temporal, este foi construído muito antes do que o conceito de patriarcado, pois nem sempre houve as desigualdades entre os sexos. “Calcula-se que o homem haja estabelecido seu domínio sobre a mulher há cerca de seis milênios. São múltiplos os planos da existência cotidiana em que se observa esta dominação.” (SAFFIOTI, 1987, p. 47). O conceito de patriarcado, portanto, surge recentemente no plano histórico (seis ou sete milênios da história recente), para denunciar as hierarquias e as desigualdades presentes entre homens e mulheres.

Ainda, o patriarcado, segundo Saffioti (2004), parte de uma lógica entre homens para garantir a opressão das mulheres, nesse sentido “este regime ancora-se em uma maneira de os homens assegurarem para si mesmos e para seus dependentes, os meios necessários a produção diária e a reprodução da vida.” (SAFFIOTI, 2004, p. 105). Continuando, o modo patriarcal “não se resume a um sistema de dominação, modelado pela ideologia machista. Mais do que isto, ele é também um sistema de exploração.” (SAFFIOTI, 1987, p. 50). Por conseguinte, a dominação e exploração acontecem concomitantemente, sem uma ordem específica, ocorrendo dentro do lar, na área de trabalho ou de convivência social das mulheres.

No mundo rural, as mulheres desempenham diversas atividades, desde as domésticas à lida com a lavoura e ao manejo com animais, trabalham na produção da propriedade bem como na reprodução da família, sendo, portanto, parte essencial para a manutenção da esfera familiar e produtiva. Segundo Brumer (2004, p. 210), mesmo exercendo diversas atividades, as mulheres ainda possuem uma situação subordinada e seus trabalhos são considerados como ajuda, mesmo sendo seu trabalho igual ou maior do que o dos homens.

A pesquisa se justifica, não só por demonstrar as desigualdades entre as trabalhadoras e os trabalhadores na agricultura familiar, como também evidenciar a luta pelo reconhecimento da profissão dessas mulheres, na luta de sua posição e autenticação de seu papel diante de suas famílias, das sociedades e principalmente diante delas mesmas. Além de serem reconhecidas como esposas, mães, tias, essas mulheres devem ser reconhecidas pela profissão que possuem, são agricultoras.



## 2 | METODOLOGIA

A pesquisa é um estudo de caso sobre as questões de gênero na agricultura familiar na localidade de Picada Feliz, situada no município de São Lourenço do Sul/RS. “Como método de pesquisa, o estudo de caso é usado em muitas situações, para contribuir ao nosso conhecimento dos fenômenos individuais, grupais, organizacionais, sociais, políticos e relacionados”. (YIN, 2010, p. 24.)

Na realização da pesquisa foram utilizados os seguintes procedimentos metodológicos:

Primeiramente realizamos uma Pesquisa Bibliográfica para a compreensão da realidade estudada, ou seja, “o levantamento de todo o referencial já editado em relação à temática de estudo, desde periódicos, dissertações, teses, livros, entre outros” (RAUPP; BEUREN, 2004, p. 81).

Após a primeira etapa, realizamos uma pesquisa qualitativa sobre o universo que o trabalho se propõe a investigar, implicando em “uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível” (CHIZZOTTI, 2006, p. 1).

Utilizamos o método de entrevistas com o roteiro semiestruturado e levantamento da história oral dos sujeitos investigados. Estas entrevistas foram realizadas com 12 agricultoras familiares com idade acima de dezoito anos, que segundo o Código Civil correspondem à maioridade.

Por fim, “a etapa de análise consiste em encontrar um sentido para os dados coletados e em demonstrar como eles respondem ao problema de pesquisa que o pesquisador formulou progressivamente.” (DESLAURIERS; KÉRISIT, 2012, p. 140). Pretendemos dar significado aos dados coletados a partir da epistemologia feminista, considerando as relações patriarcais de gênero e a divisão sexual do trabalho delas decorrentes.

## 3 | DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

Realizamos a pesquisa com 12 mulheres agricultoras familiares da localidade de Picada Feliz, através de entrevistas com roteiro semiestruturado. Foram abordadas questões referentes aos seus dados pessoais e atividades que desenvolvem no trabalho dentro do núcleo familiar.

A maior parte das entrevistadas está na faixa etária de 50 a 60 anos. (Tabela 1).

Idade (anos)	Quantidade	%
De 20 a 30	3	25
De 30 a 40	1	8,33
De 40 a 50	3	25
De 50 a 60	5	41,66
<b>Total</b>	<b>12</b>	<b>100</b>

Tabela 1 – Faixa Etária das Entrevistadas

Fonte: Pesquisa de Campo, agosto e setembro de 2016.

Do grupo de mulheres entrevistadas 83,3% são casadas e as demais solteiras. Entre as solteiras nenhuma possui filhos. Dentre as casadas 8,33% das entrevistadas possuem 4 filhos, 33,33% 3 filhos, 33,33% 2 filhos e 8,33% apenas 1 filho.

Quanto à educação, a maioria das entrevistadas, 75%, possui nível de escolaridade referente ao ensino fundamental incompleto, correspondente às séries iniciais. Isso acontece devido à dificuldade de acesso às escolas de nível fundamental completo na localidade. A localidade possui somente duas escolas pequenas de séries iniciais, portanto, para continuar os estudos, as moças precisam ir a outras escolas da área rural que ficam longe de onde vivem. Porém, mesmo com a dificuldade, 25% das entrevistadas possuem o ensino médio completo. Essa relação também se revela através da idade, percebemos que as que estudaram mais são as mulheres mais jovens, conforme o gráfico 1.

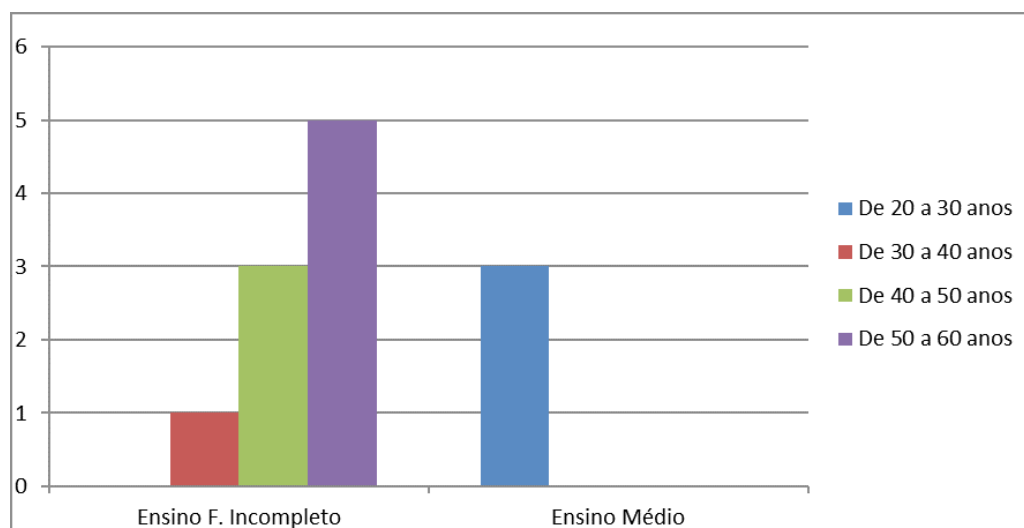


Gráfico 1: Relação entre idade e escolaridade das entrevistadas.

Fonte: Pesquisa de Campo, agosto e setembro de 2016.

A relação de idade é um fator de relevância, pois, percebemos que as mulheres mais novas e as solteiras, principalmente, são as que detêm maior nível de escolaridade. Conforme trata a autora,

Isso ocorre porque, de um modo geral, sabendo que serão preteridas na partilha da terra familiar ou na obtenção de um emprego estável no meio rural, ou rejeitando uma situação semelhante a de suas mães, as moças investem mais do que os

rapazes em sua educação, com vistas a uma possível migração para a zona urbana. (BRUMER, 2004, p. 2019).

A pesquisa buscou desvendar como é a divisão das tarefas por sexo dentro do núcleo familiar. Sabemos que cada família tem uma estratégia, porém alguns traços se repetem firmemente em cada uma delas. Isso acontece, conforme a literatura, pois há fatores advindos de uma cultura patriarcal que influenciam esse processo, pois são baseados principalmente em relações de poder.

Observamos que 66,6% das entrevistadas trabalham na lavoura e desempenham outras tarefas no núcleo familiar, como o cuidado da casa, da horta, dos filhos, ordenha das vacas, etc. 25% delas apontaram que somente trabalham na lavoura, porém quem executa as outras atividades como o cuidado da casa, horta, etc., são as filhas (geralmente solteiras), noras ou sogras. Apenas 8,33% das entrevistadas afirmaram exercer atividades unicamente de casa. Aos homens (maridos, genros, cunhados, sogros) cabe uma única tarefa, o trabalho na lavoura.



Figura 01: Horta das entrevistadas.

Fonte: Pesquisa de Campo, agosto e setembro de 2016.

Abaixo (quadro 1) ressaltamos as respostas das entrevistadas, sobre as atividades relatadas por elas ao longo do dia e as respostas sobre quem trabalha mais dentro do sistema familiar, percebendo assim em alguns casos a desvalorização dos seus próprios trabalhos.

Entrevistada	Como são divididas as tarefas dentro do núcleo familiar?	Quem trabalha mais dentro do núcleo familiar?
1	O marido trabalha na oficina; eu faço a ordenha das vacas, cuidados com a casa, cuidado da horta, ajudo na lavoura. O filho mais velho trabalha na lavoura, a filha mais velha cuida da menor e estuda.	Todos trabalham parêlo, não tem essa de um trabalha mais. É a minha função, é mais eu trabalho mais de noite, né? Mas isso é serviço de casa, isso toda a mulher tem de noite, trabalhar um pouco mais.
2	Mãe e Pai trabalham na lavoura; eu e minha irmã cuidamos da casa; meu avô não tem mais capacidade de trabalhar.	Essa é difícil, o pai eu acho porque ele não para quieto.
3	Eu e o marido trabalhamos na lavoura, as filhas trabalham em casa, o sogro só fica em casa faz bastante tempo que não vai para a lavoura.	O marido porque ele esta sempre trabalhando.
4	Aqui todo mundo que vive na casa fazem tudo.	Os homens, porque fazem mais serviço esforçado.
5	Eu e o marido trabalhamos na lavoura, o meu filho transporta os produtos para a comercialização, e a nora cuida das tarefas da casa.	O marido, não faço as coisas que ele faz.
6	Geralmente eu, meu marido, minha filha, e o genro vamos para a lavoura. A filha solteira fica com as tarefas de casa.	Não sei, acho que os dois homens. Eles trabalham mais na lavoura, e em casa também. Meu marido faz serviço de pedreiro.
7	A mãe trabalha em casa, meu pai e o marido trabalham na lavoura, eu trabalho em casa e na lavoura.	Todo mundo trabalha igual.
8	Aqui todos trabalham na lavoura, e eu também faço o trabalho de casa.	Como é que se diz... Na lavoura os homens porque tem mais força, e em casa as mulheres que tem que fazer tudo e é bastante serviço que tem na colônia em casa.
9	Eu trabalho em casa e na lavoura, a cunhada também. O marido fica mais na lavoura.	O marido, porque sua mais.
10	Eu cuido das tarefas de casa, meu pai, minha mãe e meu irmão trabalham na lavoura.	O pai, porque ele faz os serviços mais pesado.
11	Eu cuido da casa e dos filhos e trabalho na lavoura, o marido trabalha na lavoura, e a sogra cuida também da casa.	O marido porque ele trabalha mais na lavoura.
12	Eu trabalho na lavoura e em casa, Na lavoura também trabalha meu marido, meu sogro e meu filho. A sogra trabalha em casa.	O marido, porque faz o serviço mais pesado.

Quadro 1: Relação entre as respostas das entrevistadas perante algumas questões.

Fonte: Pesquisa de Campo, agosto e setembro de 2016.

Analisando as respostas das entrevistadas, percebemos que mesmo realizando inúmeras tarefas elas não se reconhecem perante seus trabalhos e acabam nomeando o homem como o principal interlocutor dentro da propriedade, mesmo sendo elas as responsáveis pelo andamento de inúmeras atividades indispensáveis para a manutenção do setor econômico e social dentro da família.

Entretanto, quando nos referimos à remuneração apenas 33% afirmaram receber por seus trabalhos, o restante afirmou não receber nada pelo trabalho que exerce, conforme gráfico 8.

As mulheres trabalham mas não recebem rendimento monetário, e têm pouco acesso à terra, tecnologia, crédito e assistência técnica. Além disso, o trabalho que elas realizam é pouco valorizado socialmente. Ainda predomina a visão de que os homens são quem de fato trabalham; as mulheres apenas ajudam. Por muitos anos, as mulheres não possuíam sequer documentos civis e trabalhistas; e quando possuíam, eram enquadradas neles como domésticas e do lar. (CORDEIRO, 2007, p. 07).

Com a pesquisa, podemos constatar que todas as agricultoras solteiras não possuem nenhuma remuneração pelo trabalho exercido, essas também são as mais novas (faixa etária dos 20 a 23 anos) dentre as entrevistadas. Deste modo, decidem sair do meio rural para trabalhar na cidade, e muitas vezes, são atraídas por trabalhos subalternos e com salários baixos.

Cordeiro (2007) ressalta que a presença feminina na agricultura familiar é grande, porém existe uma parcela enorme dessas mulheres que não recebem nenhum rendimento referente aos seus trabalhos.

Quanto à definição de onde o dinheiro deve ser gasto e sobre quem é o interlocutor dessas decisões, mais uma vez percebemos que as mulheres se dirigem à figura do homem. Notamos que 50% das entrevistadas afirmam que quem define onde o dinheiro deve ser gasto é o marido ou pai. A decisão é justificada por respostas carregadas de falta de reconhecimento e de hierarquia relacionada ao sexo e a idade. “O pai, porque é ele quem manda”, afirma a entrevistada 10, filha solteira. “O marido porque ele é o chefe da família”, responde a entrevistada 11.

Essa ideologia advém de um sistema patriarcal que inferioriza a mulher, e visto que está introjetado em seu cotidiano, acaba gerando o sentimento de que seu trabalho não é tão eficaz como o do homem. Neste sentido,

A figura do pai como representação principal da agricultura familiar reflete a cultura que secularmente elegeu o masculino como responsável pelo exercício das atividades desenvolvidas “fora do espaço da casa”, uma vez que o âmbito de trabalho “da casa” é o “lugar da mulher”. No geral, essa ideologia existe, mesmo quando a participação da mulher no mundo do trabalho é cada vez mais crescente. (MELO, 2002, p.5).

Portanto, foi questionado as entrevistas qual seria a profissão das mesmas, 66% das entrevistadas afirmam sem nenhuma dúvida que são agricultoras, porém, o restante ou teve dúvidas sobre a própria profissão ou respondeu outra, as mais frequentes foram: cozinheira, dona de casa e serviços gerais.

Perante isso, podemos verificar que mesmo que a maioria das mulheres se perceba agricultora, ainda há uma grande parcela que não se sente parte da profissão, mesmo exercendo seus trabalhos na lavoura, em casa, na horta e nos demais espaços da propriedade. “Não são as mulheres que se ocultam, são as relações de dominação patriarcal que lhes atribuem um lugar menor.” (GOUVEIA, 2003, p. 45).

## 4 | CONCLUSÃO

Ao longo do trabalho procuramos desvendar como é a vida das agricultoras familiares da Localidade de Picada Feliz. Percebemos através da divisão sexual do trabalho que as mulheres são as responsáveis pelas tarefas domésticas, seguidas por cuidados com hortas e a lida com a lavoura. Também foi considerado que dentro da divisão sexual do trabalho há uma divisão etária, ou seja, as mulheres mais jovens e solteiras trabalham nas atividades domésticas enquanto as mais velhas trabalham na lavoura. As relações de poder também foram perceptíveis, o homem é considerado o interlocutor da família e rege a maioria das decisões dentro do núcleo familiar. Percebemos que as mulheres, ainda não se consideram tão importantes quanto os homens, o que faz com que desvalorizem seus trabalhos.

Mesmo historicamente havendo a desvalorização do trabalho feminino, as mulheres de Picada Feliz se sentem reconhecidas por seus trabalhos, porém nem todas se sentem agricultoras, o que é um problema que deve ser resolvido. Os órgãos públicos devem agir na localidade, agir no sentido de gerar conversas abertas, debates e palestras para que essas mulheres consigam se enxergar como devem se enxergar, ou seja, mulheres agricultoras que possuem plena importância para a família e para a produção. Pois a invisibilidade e o patriarcado no meio rural são ainda muito fortes e temos muito que lutar para que todas as mulheres agricultoras se sintam constituintes da profissão e donas dos seus próprios futuros.

## REFERÊNCIAS

AMORIM, E.; FIÚZA, A. L.; PINTO, N. M. **Mulher e trabalho no meio rural: como alcançar o empoderamento?** Caderno Espaço Feminino, Uberlândia-MG, v. 28, n. 1, Jan./Jun. 2015.

ABRAMOVAY, R.; CAMARANO, A. A. Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil: panorama dos últimos cinquenta anos. *Revista Brasileira de Estudos da População*, Brasília, v. 15, n.2, p. 45-66, 1998.

ABROMOVAY, R. **Agricultura familiar e desenvolvimento territorial**. Reforma Agrária – Revista da Associação Brasileira de Reforma Agrária, vols. 28 nº 1,2 3 e 29, nº1, Jan/dez 1998 e jan/ago 1999.

BNDES. **Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar – Pronaf**. Acessado em: 14 de novembro de 2015. Online. Disponível em: <http://www.bndes.gov.br/apoio/pronaf.htm>

BRASIL. **Censo Agropecuário**. Resultados preliminares. Disponível em: <[ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo\\_Agropecuario\\_2006/](ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Agropecuario_2006/)>. Acesso em: 15/03/2016.

BRASIL. **Estatuto da juventude: atos internacionais e normas correlatas**. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, p. 103, 2013.

BRUMER, A. **Gênero e Agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul**. *Revistas Estudos Feministas*, Florianópolis, v.12, n. 1, p. 205- 227, janeiro-abril/2004.

BUARQUE, C. **Integração da perspectiva de gênero no setor da reforma agrária**. Ministério do

Desenvolvimento Agrário, Brasília, p. 1-45, 2002.

CARNEIRO, M. J. **Herança e gênero entre agricultores familiares**. Estudos Feministas, Brasília, v. 9, n.1, p. 22-55, 2001.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis: Vozes, 2006.

CONTERATO, M. A. **Características da pluriatividade nos espaços rurais do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – GEPAD. I Colóquio Agricultura Familiar e Desenvolvimento Rural, 24 e 25/11/2005. Disponível em: [http://www.cifers.t5.com.br/M.A.%20Conterato\\_pluriativ\\_nos\\_espacos\\_rurais.pdf](http://www.cifers.t5.com.br/M.A.%20Conterato_pluriativ_nos_espacos_rurais.pdf) Acesso em: 30 maio de 2016.

CORDEIRO, R. **Agricultura familiar, trabalho feminino e ação coletiva**. In: Anais do XIV ENCONTRO DE PSICOLOGIA SOCIAL COMUNITÁRIA, 2007.

DESLAURIERS, Jean Pierre; KÉRISIT, Michèle. **O delineamento da pesquisa qualitativa**. In: POUPART et. al A pesquisa Qualitativa. Enfoques epistemológicos e metodológicos, 3. ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 2012, p. 127-153.

FRANCISCO, M. L. **Geografia de Gênero e Trabalho Familiar: Algumas Considerações**. Revista Latino-americana de Geografia e Gênero, Ponta Grossa, v. 2, n. 1, p. 27-36, jan. / jul. 2011.

GOUVEIA, T. **Muito Trabalho e Pouco Poder Marcam a Vida das Agricultoras**. Observatórios da Cidadania, Brasília, p. 44- 49, 2003.

HIRATA, D., KERGOAT, H. **NOVAS CONFIGURAÇÕES DA DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO**. Cadernos de Pesquisa, v. 37, n. 132, set./dez. 2007.

IBGE. **Senso 2010**. Acessado em: 21 julho de 2016. Online. Disponível em: [http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/indicadores\\_sociais\\_municipais.htm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/indicadores_sociais_municipais.htm)

LAMARCHE, H. **Agricultura familiar: comparação internacional**. Tradução Frédéric Bazin. Campinas: Unicamp, 2 v, 1998.

MARTINS, Gilberta de Andrade. **Estudo de Caso Uma Estratégia de Pesquisa**. São Paulo, Atlas SA -2006.

MELO, H. P.; SABBATO, A. **O feminino no mundo rural: um olhar pela PNAD/IBGE**. In: Anais do CONGRESSO MUNDIAL DE SOCIOLOGIA RURAL, 10.; CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 38., 2000, Rio de Janeiro. Brasília: SOBER, 2000. 1 CD-ROM.

MELO, L. **Injustiças de Gênero: o trabalho da mulher na agricultura familiar**. In: Anais do XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, Minas Gerais, 2002.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO. **Estudo dos solos do município de São Lourenço do Sul – RS**. Circular 52. Pelotas, 1ª ed. 47 p., 2005.

PREFEITURA DE SÃO LOURENÇO DO SUL. **Decreto 2916**. Acessado em: 2 março de 2016. Online. Disponível em: [http://www.saolourencodosul.rs.gov.br/arquivos/Decreto\\_2916.pdf](http://www.saolourencodosul.rs.gov.br/arquivos/Decreto_2916.pdf)

RAUPP, F.; BEUREN, I. **Metodologia da pesquisa aplicável às ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 2004. 2v.

SAFFIOTI, Heleieth. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, Coleção polemica, 1987, 134p.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência**. Fundação Perseu Abramo, São Paulo, Coleção

Brasil Urgente, 2004.

SAFFIOTI, Heleieth.. **Ontogênese e filogênese do gênero: ordem patriarcal de gênero e a violência masculina contra mulheres.** Séries Estudos e Ensaio – Ciências Sociais/ FLACSO/ Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais – FLACSO – Brasil – Junho 2009

SUÁREZ, M.; SUAREZ, M.; TEIXEIRA, Z. A.; MUSSI, H.. **Perspectiva de Gênero Na Produção Rural.** Estudos de Política Agrícola, Brasília, v. 22, p. 1-85, 1994.

SCHEFLER, M. L. **Gênero, autonomia econômica e empoderamento. O real e o Aparente: Sistematização de processos de investigação-ação e/ou de Intervenção social.** Feminismos, v.1, n.3 set. - dez. 2013.

SCHNEIDER, S. **A pluriatividade na agricultura familiar.** Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2003.

SCHNEIDER, S. **A pluriatividade no meio rural brasileiro: características e perspectivas para investigação.** 1ª ed. Quito/Equador: Ed. Flacso – Serie FORO, 2009, p. 132-161.

VELEDA DA SILVA, S. M. **Os Estudos de Gênero no Brasil: Algumas Considerações.** Geografía y Ciencias Sociales, Barcelona, v. 3, p. 1-13, 2000.

VELEDA DA SILVA, S. M. **Geografías feministas brasileñas: un punto de vista.** In: IBARRA GARCÍA; ESCAMILLA-HERRERA (Coord.). Geografías feministas de diversas latitudes. Orígenes, desarrollo y temáticas contemporáneas. México: IG/UNAM, 2016, p. 71-93.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos/Robert K. Yin; tradução Ana Thorell; revisão técnica Cláudio Damascena.** – 4. Ed. – Porto Alegre: Bookman, 2010. 248 p.

WANDERLEY, M. N. B. **A Modernização Sob O Comando da Terra : Os Impasses da Agricultura Moderna No Brasil.** Ideias, IFCH.UNICAMP. CAMPINAS, v. 3, n.2, p. 25-54, 1996

WANDERLEY, M. N. B. **Raízes históricas do campesinato brasileiro.** TEDESCO, J. C. (Org.). Agricultura familiar: realidades e perspectivas. Passo Fundo: UPF, n3, p. 21-55, 2001.

WANDERLEY, M. N. B. **Agricultura familiar e campesinato: rupturas e continuidade.** Estudos Sociedade e Agricultura, Rio de Janeiro, p. 42-61, 2003.

WOORTHMANN, E. F.; WOORTHMANN, K. **O trabalho da terra: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa.** Brasília: EDUnB, 1997



## **SOBRE A ORGANIZADORA**

**INGRID APARECIDA GOMES** Bacharel em Geografia pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (2008), Mestre em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação Mestrado em Gestão do Território da Universidade Estadual de Ponta Grossa (2011). Atualmente é Doutoranda em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Foi professora colaborada na UEPG, lecionando para os cursos de Geografia, Engenharia Civil, Agronomia, Biologia e Química Tecnológica. Também atuou como docente no Centro de Ensino Superior dos Campos Gerais (CESCAGE), lecionando para os cursos de Engenharia Civil e Arquitetura e Urbanismo. Participou de projetos de pesquisas nestas duas instituições e orientou diversos trabalhos de conclusão de curso. Possui experiência na área de Geociências com ênfase em Geoprocessamento, Geotecnologia, Geologia, Topografia e Hidrologia.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-85107-78-9

